

MARCADORES DISCURSIVOS DE BASE PERCEPTIVO-VISUAL EM REDE CONSTRUCIONAL: MOTIVAÇÕES PARA OS USOS LINGUÍSTICOS

Vania Rosana Mattos Sambrana

*Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mariangela Rios de
Oliveira*

Doutoranda

RESUMO: Este trabalho objetiva apresentar as motivações para os usos instanciados pela rede construcional dos marcadores discursivos de base perceptivo-visual, tais como: *olha, olha aqui, olha lá, vejamos, veja lá, vejam só*, entre outros. Para cumprirmos tal objetivo, apropriamo-nos da Linguística Funcional Centrada no Uso (MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA, BISPO e SILVA, 2013; OLIVEIRA e ROSÁRIO, 2015) e da Gramática de Construção (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; BYBEE, 2010, 2015; TRAUOGOTT, 2008; TRAUOGOTT e TROUSDALE, 2013). Com esse embasamento, nosso trabalho assume uma linha teórico-metodológica cognitivo-funcional. Diante dos dados levantados, averiguamos que este ponto de aglomeração de construções pode ser representado pelo esquema virtual $[V_{pv}(X)]_{md}$. Nossa hipótese é de que motivações cognitivas e sociocomunicativas envolvidas no recrutamento dos marcadores discursivos podem ser descritas, conforme Goldberg (1995), por compartilhamento de propriedades entre as construções, como por exemplo, os *links* relacionais entre as construções *olha lá* e *veja lá*. Essas construções, além do compartilhamento do sentido da chamada de atenção, competem, no uso linguístico, pela função discursivo-pragmática de regular a interação na negociação de sentidos veiculados entre os interlocutores.

PALAVRAS-CHAVE: Construção, Base perceptivo-visual, Motivações Cognitivas, Motivações Sociocomunicativas.

Introdução

Este artigo apresenta o início de uma pesquisa diacrônica no nível de doutoramento, cujo objetivo geral é levantar, descrever e analisar contextos de uso de marcadores discursivos de base perceptivo-visual em perspectiva construcional. Esta pesquisa maior dá continuidade à pesquisa iniciada no nível de mestrado intitulada *Marcadores discursivos formados pelos verbos perceptivo-visuais olhar e ver: uma abordagem construcional*. Tais marcadores discursivos são formados pela base *olhar e ver* acompanhados ou não de uma segunda subparte (*aqui, lá, aí, só e bem*). Em nosso levantamento sincrônico, representativo do século XX, destacamos 23 construções do tipo individual, que são: *olha, olhe, olhem, olha aqui, olhe aqui, olha lá, olhe lá, olha aí, olha só, olha bem, vê, veja, vejam, vejamos, viu, vê lá, veja lá, vê só, veja só, vejam só, vê bem, veja bem e vejam bem*. Essas 23 construções, que gramaticalmente atuam na categoria da marcação discursiva, podem ser agrupadas virtualmente sob um padrão construcional, ou melhor, uma construção mais esquemática e geral, doravante $[V_{pv(x)}]_{md}$.

Na perspectiva construcional, a relação entre significado e significante do signo linguístico é tomada como um pareamento entre forma e sentido. Sendo assim, tanto a construção mais geral $[V_{pv(x)}]_{md}$ quanto a construção mais específica *veja lá* são pareamentos de forma e sentido, a diferença entre elas é o grau de esquematicidade de cada composição.

Neste trabalho, limitar-nos-emos a duas construções específicas em cada demonstração. Para descrevermos as motivações sociocomunicativas, tomaremos *olha aqui* e *veja lá* como exemplos. Já para as motivações cognitivas, lançaremos mão de *olha lá* e *veja lá*. Através dos contextos de usos, pretendemos demonstrar como motivações cognitivas e motivações sociocomunicativas funcionam para encaminhar o recrutamento de tais construções pelos falantes. E ainda mais, pretendemos demonstrar como o processo de metaforização estimula a competição de sentidos negociados a partir da base perceptivo-visual de *olhar e ver*. A hipótese proposta sustenta que motivações cognitivas e sociocomunicativas servem de respaldo para justificar tanto a competição quanto o compartilhamento entre as construções de características cognitivas, morfossintáticas, semânticas, discursivas e pragmáticas.

Para o levantamento dos contextos de uso, organizamos um recorte de nosso *corpus*. E para sua análise, selecionamos um embasamento teórico-metodológico que descreve o nosso objeto, a construção $[V_{pv}(x)]_{md}$, na proposta de modelo em rede, vista como uma categoria radial, difusa e com limites fluidos em relação às outras categorias linguísticas.

Este artigo está organizado em cinco seções. Na primeira seção, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos que nos embasam. Na segunda seção, apresentamos a nossa abordagem dos marcadores discursivos de base perceptivo-visual. Na terceira seção, aprofundamos na descrição dos contextos de uso das construções e suas motivações. Na quarta seção, descrevemos os resultados parciais das análises anteriores. Na última seção, encontram-se as considerações finais.

Pressupostos Teórico-metodológicos

Nossas bases teóricas e encaminhamentos metodológicos seguem duas vertentes que se completam, a Linguística Funcional Centrada no Uso (MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA, BISPO e SILVA, 2013; OLIVEIRA e ROSÁRIO, 2015) e a Gramática de Construção (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; BYBEE, 2010, 2015; TRAUGOTT, 2008; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013).

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) defende que a língua é um objeto teórico que se constrói entre os falantes e que a gramática emerge do discurso na medida em que pressões de ordem cognitiva, estrutural e sociocomunicativa atuam em conjunto moldando seus usos (conf. FURTADO DA CUNHA, BISPO e SILVA, 2013; BYBEE, 2010, 2015; OLIVEIRA e SAMBRANA, no prelo). Os significados linguísticos são negociações *on-line* de sentidos. Tais negociações ora voltadas para sentidos mais objetivos, ora mais subjetivos e outras horas mais intersubjetivos estão concatenadas a fim de cumprirem os objetivos comunicativos dos falantes. Sendo assim, afirmamos que a LFCU é um modelo de análise linguística baseado no uso. A partir desse uso, empiricamente atestado, que a LFCU sustenta sua teorização analítica. Nessa abordagem, gramática é indissociável do estatuto do uso, uma vez que a língua é um sistema dinâmico e emergente. Conforme Furtado da Cunha *et al.*, entendemos o conceito de gramática como:

(...) um conjunto de esquemas/processos simbólicos utilizado na produção e organização de discurso coerente. Desse modo, configura-se em categorias morfossintáticas rotinizadas, exibindo padrões funcionais mais regulares e formas alternativas em processo de mudança motivada por fatores cognitivo-interacionais. Nesse sentido, gramática e discurso estão intrinsecamente entrelaçados e coatuam em mútua dependência, sendo um (re)modelado pelo outro. (FURTDADO DA CUNHA, BISPO e SILVA, 2013, p.20)

Sendo a linguagem um objeto conceptual, representativo da manifestação da interação entre os falantes e o mundo biossocial, o recrutamento das formas linguísticas *on-line* segue padrões regulares. Embora sejam vistos como padrões dinâmicos, estão sujeitos a regras sintagmáticas e paradigmáticas próprias de cada categoria. A visão de que os padrões gramaticais não são tomados como modulares é o que diferencia a LFCU de teorias como o gerativismo e o estruturalismo e a aproxima de teorias de base cognitivista. O modelo em rede permite organizar os padrões gramaticais e seus componentes em relação aos exemplares prototípicos, que são mais centrais, e aos considerados não prototípicos, aqueles que se afastam do centro da categoria à medida que nuances de outras categorias margeiam sua categorização. Assim, as construções estão interligadas por uma rede de associações de múltiplas características não conflitantes.

A Gramática de Construção postula que a língua é um inventário de construções. De acordo com Goldberg (1995; 2006), Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013), construção é um pareamento de forma-sentido, unidos, simbolicamente, por convencionalização. Consideradas unidades básicas da língua, construções podem assumir diferentes tamanhos (atômicas, complexas ou intermediárias); diferentes especificidades fonológicas (substantivas ou esquemáticas); e diferentes bases conceptuais (conteudísticas ou procedurais).

De acordo com Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), as construções, como parte do conhecimento do falante, são organizadas em forma de generalizações por padrões construcionais que englobam vários níveis de virtualidade representacional. Esse é o fator de esquematicidade, que, nos moldes de Traugott e Trousdale (2013), se organiza como:

- Esquema – nível mais abstrato de generalização, em que abrange um ponto de aglomeração de toda uma categoria em uma rede;

- Subesquema – nível intermediário de generalização;
- Microconstrução – são construções do tipo individual, licenciadas diretamente pelo uso linguístico, por essa razão compõem o nível menos abstrato.

O nível intermediário de generalização, que é o subesquema, substituímos pelo conceito de mesoconstrução, como postulado em Traugott (2008). Uma vez que melhor conceitua o nível intermediário como um agrupamento de família de construções, principalmente, os organizados em redes morfossintáticas. Esse é o caso do nosso objeto, porquanto temos duas famílias distintas de mesoconstruções organizadas pela morfossintaxe verbal, uma família de base *olhar* e outra família de base *ver*. Destacamos que, como demonstrado em Sambrana (2017, p. 10), há níveis mais esquemáticos, isto é, mais virtuais, acima do esquema $[V_{pv}(x)]_{md}$ aqui apresentado, porquanto o domínio da marcação discursiva abarca aglomerações de construções de variadas bases categoriais. O que não será discutido neste trabalho.

A título de ilustração dos níveis hierárquicos, apresentamos, a seguir, a construção $[V_{pv}(x)]_{md}$ organizada em níveis esquemáticos segundo prevê a Gramática de Construções:

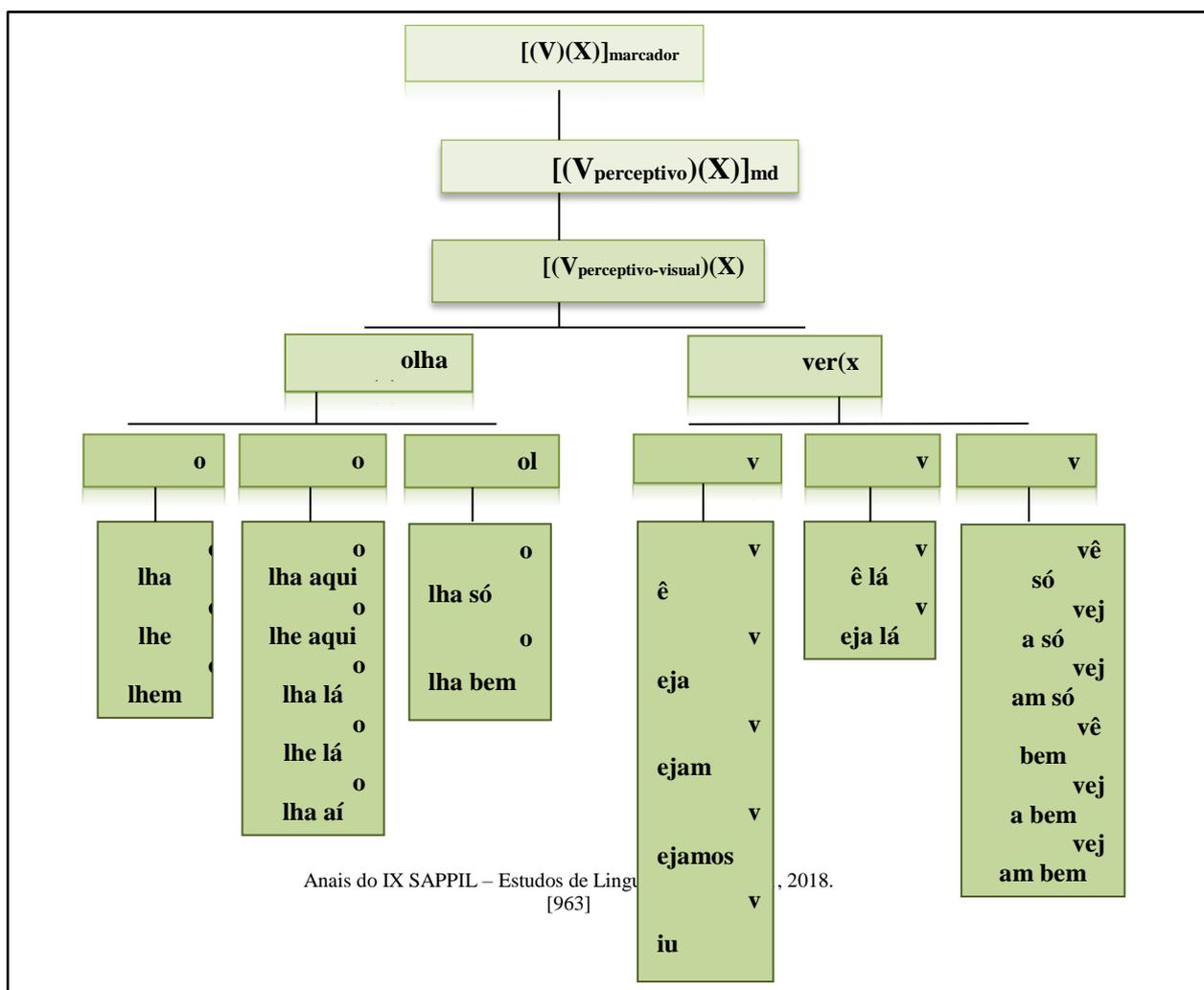


Figura 01: Distribuição dos níveis de esquematicidade da construção $[V_{pv}(x)]_{md}$.
Fonte: Sambrana (2017)

Consideramos $[V_{pv}(x)]_{md}$ um esquema virtual pela sua possibilidade de abarcar padrões construcionais em diferentes níveis de generalizações. E ainda mais, nos termos de Traugott e Trousdale (2013) e Croft (2001), consideramos esse nível mais abstrato como um pareamento em que o polo da forma $[V_{pv}(x)]$ mantém um elo indissociável com o polo do sentido, tomado aqui como sentido funcional, a função da marcação discursiva, representado por “ $_{md}$ ”. Dessa forma, a Gramática de Construção dá conta da descrição da língua como um inventário sincrônico de construções.

Do Corpus Empregado e dos Dados Levantados

Para a nossa base de dados sincrônicos, representativos do português contemporâneo do século XX, organizamos um *corpus* extraído das fontes: *Corpus Discurso e Gramática (D&G)*; Projeto Norma Linguística Urbana Culta (NURC); *Corpus do Português (CP)*; Programa de Estudos do Uso da Língua (PEUL)¹. Com o objetivo de analisar comparativamente os usos de *olha aqui* e *veja lá*, bem como os usos de *olha lá* e *veja lá*, procedemos ao recorte de nosso *corpus*. Por decisão metodológica, selecionamos 11 ocorrências de *olha aqui*, 11 ocorrências de *olha lá* e sete ocorrências de *veja lá*. Nossas análises são de cunho qualitativo com o objetivo de descrever fenômenos linguísticos, por essa razão não comparamos questões de frequência das construções individuais.

Marcadores Discursivos de Base Perceptivo-visual

Como afirma Schiffrin (2001, p. 57) e Risso *et al.* (2002, p. 221), os MDs formam uma categoria gramatical da língua que, com proeminência no nível pragmático, atua com uma composição ampla e variada de elementos. Seus membros “marcam

¹Corpus D&G <http://www.discursoeagramatica.letas.ufrj.br/corpus.html>;
Corpus NURC-RJ: <http://www.letas.ufrj.br/nurc.rj/corpora/mapa.html>;
C P: <http://www.corpusdportugues.org/x.asp>;
PEUL/RJ: <http://www.letas.ufrj.br/peul/amostras%201.html>.

relações entre unidades do discurso sequencialmente dependentes” (TRAUGOTT, 1997, p. 5). Com o respaldo dessas afirmações, concluímos que, no discurso interacional, os MDs tanto marcam funções próprias do paradigma de sua categoria quanto relacionam porções semântico-pragmáticas ao atuar como elementos textual-interativos de coesão e conexão. Nessa visão de análise, Traugott (1997) e Jucker e Ziv (1998) consideram os MDs elementos multifuncionais.

Como podemos observar na Figura 1, nosso objeto de pesquisa faz parte do grupo de marcadores de base verbal, representado por [(V)(X)]_{md}. Em um nível abaixo, por restrições semântico-sintáticas, [V_{pv}(x)]_{md} faz parte de um grupo de MDs de base perceptivo-visual.

Postulamos que o sentido de processo da percepção-visual das formas mais lexicais de *olhar* e *ver*, recrutadas para sentidos concretos, mudaram para usos de sentidos mais abstratos e mais gramaticais (conf. VOTRE, 2004; TRAUGOTT e DASHER, 2005), como ‘tenha cuidado’ e ‘esteja atento’, usos considerados como “reguladores de atenção” (SAMBRANA, 2017). Dessa forma, consideramos as bases *olhar* e *ver* como estruturas de processos concretos que, por pressões diversas, sofreram mudanças categoriais por se tornarem mais gramaticalizadas ao ponto de sofrerem um processo de construcionalização², nos moldes de Traugott e Trousdale (2013). Sendo assim, a base verbal da construção persiste, mas não funciona como categoria verbal. Nesse enquadre, nossa construção atua proceduralmente na criação de estratégias enunciativas no espaço atencional do discurso interativo. A classe dos MDs perceptivo-visuais marcam relações gramaticais.

Contextos de Uso e suas Motivações

Partimos de contextos de uso de *olha aqui*, *olha lá* e *veja lá* para apontarmos motivações que gerenciam os recrutamentos dos falantes. Em conformidade com Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2010), a estrutura da rede de construções é motivada e regulada por fatores cognitivos e sociocomunicativos. Hipotetizamos que através da descrição dessas motivações, que são constantemente remodeladas pelo uso,

² Construcionalização é um fenômeno estudado pela Gramática de Construção, é quando a língua, através da regulação de seus padrões, cria um novo signo linguístico, um novo pareamento de forma e sentido.

justificamos o recrutamento da base *olhar* ou da base *ver* como parte central das construções e como encaminhamento das negociações de sentido. Para a LFCU, os significados linguísticos, quer sejam tomados como sentido, como na concepção de Goldberg (1995), quer sejam tomados como função, como na concepção de Traugott e Trousdale (2013), emergem do uso produzido pelos falantes.

Vejamos um exemplo:

(1) - Ora - disse o outro, impaciente; - eu nunca tive medo de luzes nem de assombração. Não foi efeito de coisa nenhuma. Foi só o que você disse em último lugar. Fez uma pausa e olhou Delfino. - Foi a cara. E não quis dizer mais nada. Foi preciso que Delfino, com medo e também com raiva, quisesse seriamente desfazer o negócio para Adriano recuperar suas boas cores e seu jeitão animado de sempre. Delfino tinha dito: - **Olha aqui**, Adriano, isto foi um aviso. Você guarde o seu dinheiro e eu guardo a minha boa consciência. - **Veja lá**, Fininho - disse o outro, sentindo que aquilo era uma crise séria -, você já não está com a consciência tão pura assim, não. Olhe as chaves que você pediu ao padre Estêvão sem dizer que era para tirar retrato. - Você podia me entregar o filme - disse Delfino, sem muita convicção. - Podia, mas não entrego, (...) (CP, séc. XX, Br; Fic.; A. Callado; Madona de Cedro; 1957)

No fragmento (1), destacamos dois usos de base perceptivo-visual em função marcadora discursiva. Os MDs *olha aqui* e *veja lá* marcam a regulação (monitoramento) da interação através da manutenção que os falantes realizam do espaço atencional. O recrutamento dos MDs reforçam os sentidos negociados a fim de que os objetivos comunicativos dos falantes sejam alcançados. O uso do MD *olha aqui* encurta o espaço de atenção entre falante e ouvinte, servindo de introdução para a advertência “*isso foi um aviso*”. Enquanto o uso do MD *veja lá* marca a sugestão de um abrandamento da ameaça anterior.

As motivações sociocomunicativas consistem em um conjunto de subfatores que articulam-se entre o nível semântico-textual e o discursivo-pragmático da língua. O contexto é onde esses fatores atuam. Nos exames dos dados empíricos, atestamos que os falantes combinam as construções *olha aqui* e *veja lá* com outras construções conforme seus sentidos, lexicais ou gramaticais, respaldam suas intenções sociocomunicativas.

Ainda no fragmento (1), destacamos que o recrutamento de *olha aqui*, o recrutamento do vocativo “*Adriano*” e o recrutamento da sequência descritiva “*isso foi um aviso*” corroboram para o sentido pragmático de intimidação inferido pelo ouvinte.

Por sua vez, o recrutamento de *veja lá*, em que o “lá” carrega sentido de vagacidade, o recrutamento do vocativo “*Fininho*” e o recrutamento de sequências argumentativas corroboram para o sentido pragmático de quebra da advertência anteriormente sugerida. Diante dessas observações, afirmamos que o MD *olha aqui* marca um contexto injuntivo em que o falante direciona a atitude do ouvinte, enquanto o MD *veja lá* marca um contexto asseverativo em que o falante sustenta sua argumentação.

Para a LFCU, as motivações cognitivas dizem respeito aos modos de categorizar os eventos linguísticos através das experiências sociointerativas armazenadas. Dessa forma, a rede de conhecimento linguístico do falante sofre ajustes conforme o impacto de suas experiências com novos eventos de fala.

Apoiados por Traugott e Dasher (2005) e Votre (2004), investigamos a operação do sistema cognitivo da percepção-visual enquanto motivação para o desenvolvimento dos sentidos perseguidos nas negociações entre os falantes. Os referidos autores, ao tratarem de processos cognitivos que envolvem metaforização como forma de categorizar o mundo, relacionam um cline semântico em que sentidos fontes da percepção-visual são associados a sentidos alvos da percepção-mental. Os autores ainda respaldam que nas inferências dos significados implicam-se sentidos mais centrados no sujeito da fala, ditos sentidos subjetivos, e os sentidos centrados mais no ouvinte, ditos sentidos intersubjetivos. Como defende Sperandio (2016), o domínio-fonte é ativado pelo significado literal, enquanto que o domínio-alvo é ativado pelo contexto. Assim, temos uma associação do espaço físico invocado pelo verbo de percepção-visual em referência ao objeto visualizado, que é considerado o domínio-fonte, metaforizado em espaço atencional criado pelo MD no contexto de uso, que é considerado o domínio-alvo.

Para tal demonstração de tratamento, analisamos a seguir dois contextos de uso de diferentes bases, *olhar* e *ver*.

(2) - Qual é que é, amizade? - indaga Alfinete. O cara apenas sorri. - Quebrando a cabeça pra centrar esta roda. Acho que o quadro tá com defeito. - Tou querendo um alô! Alemão manda que fale. - É uma chave especial que se tá precisando. O mecânico ajeita os óculos, os olhos parecem desmesuradamente grandes, por trás das lentes. - **Olha lá!** Vê o que tá arranjando! - Nada. - Se tá começando uma boa - explica Alfinete. O cara deixa o trabalho, abre a gaveta, onde a confusão ainda é maior do que nos painéis de peças. Põe-se a escolher chaves de cobre, - até encontrar uma, muito longa, que julga ser apropriada. Mostra a

Alfinete, diz que são vinte pratas. Dito examina. - Dá direito a levar uma lima. (CP, Fic, séc. XX)

O MD *olha lá*, no fragmento (2), marca a chamada de atenção do ouvinte e acrescenta ao contexto um sentido de repreensão. O ouvinte infere que ele precisa direcionar a atenção, que é o sentido da percepção-visual metaforizado, mas não se trata de visualizar um objeto físico, e sim de ‘atentar’ para o discurso corrente. Em (2), percebemos que a atenção do ouvinte é direcionada para conhecimentos compartilhados, isto é, para as situações anteriormente experienciadas pelos falantes. Em suma, afirmamos que o MD *olha lá* aponta para situações interacionais vivenciadas.

Com as observações anteriores, retratamos o processo de metaforização da base verbal perceptivo-visual, mas, o MD *olha lá*, em (2), apresenta como segunda subparte o afixoide *lá*. Quanto ao tratamento dado à segunda subparte, quanto ela ocorre, seguimos Oliveira (2018). Ao serem recrutados para as construções do padrão $[V_{pv}(x)]_{md}$, traços semânticos dos locativos mudam de usos da relação espacial dêitica para usos reguladores de sentidos pragmáticos. Em (1), o afixoide *aqui* encurta o espaço atencional entre falantes, enquanto que o afixoide *lá*, em (2), aumenta esse espaço discursivo (conf. MARTELOTTA, 1996). Nesse enquadre, a soma do sentido das partes não compõe o todo sentido da construção, mas coopera para o sentido do todo.

Vejamos outro exemplo de motivação cognitiva para usos licenciados pela construção $[V_{pv}(x)]_{md}$:

(3) - O deputado... Mora, não há dúvida; mas quase nunca dorme no hotel. Lá é sua residência oficial; mas de fato onde ele mora, é na Rua dos Irmãos Araújo, 27, Vila Isabel. - Ué! Por quê? - O senhor é do Rio? fez, sem responder-me diretamente o criado. - Não. - Está se vendo, se não não se admirava. O senhor sabe: esses homens têm seus arranjos e não querem que ninguém saiba. É por isso. Agora, não vá dizer que eu... **Veja lá!** Eu não conhecia bem os bairros da cidade. Não lhes sabia a importância, o valor, nem as suas vias de comunicações com o centro, donde não me tinha afastado até ali, senão para fazer um passeio de pragmática a Botafogo, de que não gostei. Tive que indagar o caminho e o bonde, depois então corri ao ponto respectivo. (CP, Fic. Séc. XX)

O MD *veja lá*, em (3), marca chamada de atenção do ouvinte e estratégia de atenuação, não de uma repreensão, como tratada em (2), mas atenua efeitos dos argumentos negociados anteriormente. O uso do MD *veja lá* estrategicamente obriga o ouvinte a reinterpretar os sentidos. Afirmamos que esse efeito de base cognitiva tem estreita ligação com motivações sociocomunicativas no cumprimento dos objetivos comunicativos dos falantes. Nos argumentos “*O senhor sabe: esses homens têm seus arranjos e não querem que ninguém saiba. É por isso*”, há, por parte do ouvinte, inferência de aspectos negativos de uma conduta social. Assim, o uso do MD *veja lá* ratifica a oposição do ouvinte e obriga o interlocutor a refazer sua interpretação.

Ao descrever o exemplo (2), afirmamos que a base verbal *olhar* é resultante de sentidos-alvo criados no domínio da percepção-mental e também afirmamos que no contexto de uso o MD *olha lá* aponta para a situação antes vivenciada por um dos interlocutores. Já em (3), o sentido negociado pela construção *veja lá* também é resultante de sentido criado no domínio-alvo da percepção-mental, até aqui, as duas construções seguem a mesma trajetória de metaforização. Entretanto, uma diferença é notória, *veja lá* aponta para argumentos da linearidade textual. Em suma, postulamos que o MD *veja lá* aponta para as sequências argumentativas, como: “*eu não conhecia bem os bairros da cidade*”, entre outras.

Conforme afirma Ferrari (2016), a mudança semântica “abarca um amplo escopo de estruturas conceptuais, independentemente do *status* gramatical dos lexemas” (FERRARI, 2016, p. 66). Com base nesse postulado, afirmamos que a trajetória de metaforização da construção pode ser descrita por partes, mas o elo de convencionalização da construção é formado por *chunking*, ou melhor, a construção tem duas partes, mas é armazenada na memória do falante como uma única estrutura significativa.

Resultados Parciais

Fazendo uma ligação entre as motivações cognitivas e as motivações sociocomunicativas, o uso do MD *olha lá*, como em (2), cumpre um objetivo de interagir sobre o ouvinte, modificando sua atitude, ao mesmo tempo em que cumpre objetivos cognitivos ao negociar sentidos mais intersubjetivos, que explicitem a preocupação do

falante sobre como o ouvinte deve interpretar suas negociações. Podemos averiguar o mesmo em (3), o uso do MD *veja lá* interage sobre o ouvinte interrompendo sua argumentação enquanto que também obriga uma recodificação do que foi negociado nos argumentos anteriores. Averiguamos que as motivações sociocomunicativas e as motivações cognitivas estão interligadas na negociação dos sentidos e cooperam para o cumprimento dos objetivos comunicativos dos falantes.

Sobre os elos entre as construções *olha aqui*, *olha lá* e *veja lá*, postulamos que essas três construções compartilham a mesma macrofunção de chamada de atenção. As três construções possuem motivações sociocomunicativas que enfatizam o ato do falante em interagir sobre o ouvinte. As três construções possuem motivações cognitivas baseadas no fenômeno de metaforização, em que sentidos mais concretos da percepção-visual e da localização espacial são reinterpretados para sentidos mais abstratos, o primeiro como da percepção-mental e este último como monitoramento do espaço discursivo.

Considerações Finais

Como conclusão deste trabalho, ressaltamos que as motivações sociocomunicativas das bases perceptivo-visuais *ver* e *olhar* refletem funções textual-interativas e discursivo-pragmáticas que co-ocorrem para negociações de sentidos no nível contextual das interações, uma vez que os objetivos comunicativos dos falantes transpassam o que é dito. No que diz respeito às motivações cognitivas, as bases *olhar* e *ver* convergem em trajetórias diferenciadas dentro do espaço discursivo criado. Verificamos que a base *olhar* remete a atenção do ouvinte para situações vivenciadas e/ou compartilhadas, e a base *ver* remete a atenção do ouvinte aos argumentos veiculados pela tipologia recrutada. Como conclusão parcial, postulamos que as motivações sociocomunicativas e cognitivas atuam em conjunto nas negociações interacionais para formação dos significados linguísticos.

Referências

BISPO, Edvaldo Balduino; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (orgs.). *Linguística centrada no uso*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013, p. 13-39.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, Joan. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CROFT, Willian. *Radical construction grammar: syntatic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

DASHER, Richard B; TRAUGOTT, Elizabeth C. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

FERRARI, Lilian. Subjetividade e intersubjetividade na gramática cognitiva. In: ALVARO, Teles Patrícia; FERRARI, Lilian (orgs). *Linguística Cognitiva: da linguagem aos bastidores da mente*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2016.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at work: the Nature of Generalization in Language*. New York: Oxford University Press. 2006.

HILPERT, Martin. *Construction grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltda. 2014.

JUCKER, Andreas H.; ZIV, Yael. Discourse markers: introduction. In JUCKER, Andreas H.; ZIV, Yael (orgs.). *Discourse markers*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998, p. 1-12.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Mariangela Rios. O afixoide lá em construções do português – perspectivização espacial e (inter)subjetificação. *Revista Linguística*. Rio de Janeiro, volume 14, nº 1, jan-abr., 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2018.v14n1a14911>>

OLIVEIRA, Mariangela. Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa. (orgs). *Linguística centrada no uso - teoria e método*. 1. ed. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj, 2015.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; SAMBRANA, Vania. R. M. Marcadores discursivos de base perceptivo-visual: uma abordagem construcional. *Revista Confluência*: Rio de Janeiro, no prelo.

RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos: traços definidores. In KOCH, Ingedore V. (org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. São Paulo: Unicamp, v. VI, 2002, p. 21-57.

ROSARIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 60, 2016, p.233-259.

SAMBRANA, Vania R. M. *Marcadores discursivos formados pelos verbos perceptivo-visuais olhar e ver: uma abordagem construcional*. 2017. 154 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem. Área de Concentração: Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SCHIFFRIN, Deborah. Discourse markers: language, meaning and context. In SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E. *The handbook of discourse analysis*. Oxford: Blackwell, p. 54-75, 2001.

SPERANDIO, Natália Elvira. Nos bastidores da cognição: a atuação dos processos metafóricos e metonímicos na categorização humana. In: ALVARO, Teles Patrícia; FERRARI, Lilian (orgs). *Linguística Cognitiva: da linguagem aos bastidores da mente*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2016.

TRAUGOTT, Elizabeth C. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. In: Paper presented at *I CHL XII Manchester*, Stanford University, CA 94305-2150, USA, 1995 (1997), p.1-23.

TRAUGOTT, Elizabeth C. Grammaticalization, constructions and incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: CKARDT, R. *et al.* (orgs.). *Variations, Selection, Development: probing the evolutionary model of language change*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2008, p. 219-250.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VOTRE, S. Josué; CEZÁRIO, M^a Maura; MARTELOTTA, M. Eduardo (orgs). *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2004.

Crédito das Imagens:

Figura 01: Distribuição dos níveis de esquematicidade da construção $V_{pv}(x)_{md}$.

Fonte disponível em:

SAMBRANA, Vania R. M. *Marcadores discursivos formados pelos verbos perceptivo-visuais olhar e ver: uma abordagem construcional*. 2017. 154 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem. Área de Concentração: Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói.